

## Sobre a transitoriedade: o objeto e o tempo

Palavras-chave: tempo lógico, objeto *a*, saber, gozo

**Simone Souto**

No artigo “Sobre a transitoriedade”<sup>1</sup>, Freud descreve a sensação experimentada pelo amigo e pelo poeta que, em uma caminhada através dos campos, em um dia de verão, admiravam o cenário à sua volta, mas sem conseguirem extrair disso qualquer alegria. Perturbava-os o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção. Segundo Freud, aos olhos do poeta, tudo aquilo pareceu despojado de seu valor, por estar sujeito à transitoriedade.

Partindo do ponto de vista pessimista do poeta, ou seja, o de que a transitoriedade implicaria uma perda do valor dos objetos, Freud introduz a questão sobre o valor daquilo que é transitório. Ele julgava incompreensível que o fato de algo ser transitório viesse intervir na fruição, ou seja, no uso, no gozo que poderíamos obter dos objetos à nossa volta. Ele não compreendia porque alguma coisa perderia seu valor, seja ela, por exemplo, uma obra de arte, uma paisagem ou uma realização intelectual, única e exclusivamente devido a sua limitação no tempo. Para Freud, diferentemente do amigo e do poeta, a transitoriedade implicaria não em uma perda, mas em um aumento do valor do objeto em questão, pois a limitação da possibilidade de uma fruição elevaria o valor dessa fruição. Assim, Freud conclui que “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo”<sup>2</sup>.

Podemos dizer então que, para Freud, a escassez introduzida no tempo produz um valor, ou seja, a limitação do tempo confere um valor aos objetos. Portanto, diz Freud, o valor das coisas não dependeria de sua duração absoluta, mas da significação que elas viessem adquirir, para alguém, em um determinado momento de sua vida.

---

<sup>1</sup> Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade (1915). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, vol. XIV.

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade..., p. 345.

Embora essas considerações parecessem incontestáveis aos olhos de Freud, ele nos relata que elas não causaram a menor impressão quer no amigo, quer no poeta, o que o levou a inferir que algum fator emocional poderoso se achava em ação, perturbando-lhes o discernimento. Esse fator era o luto. O que lhes perturbou o discernimento e estragou-lhes o gosto de apreciar a beleza à sua volta foi o luto pela perda antecipada do objeto, presentificada pela constatação de sua transitoriedade.

Essa formulação, nascida das preocupações de Freud com um mundo às voltas com a eclosão da primeira grande guerra, nos serve, ainda hoje, para pensar a reação da comunidade analítica, anos mais tarde, em relação à invenção de Lacan das sessões curtas. Toda polêmica em torno das sessões curtas talvez possa ser relacionada ao fator que prejudicou o discernimento do amigo e do poeta, ou seja, a perda do objeto que se torna presente pela limitação do tempo.

Ao reduzir o tempo da sessão, Lacan introduz, na cena analítica, o objeto perdido, ele faz aparecer esse elemento real, heterogêneo, que interrompe o deslizamento infinito da cadeia significante. Parece claro que o incômodo causado pela sessão curta, na comunidade analítica tem a ver com um nada querer saber sobre esse encontro com o real que a redução do tempo da sessão evidencia.

A concepção, segundo a qual a sessão, por ter seu tempo reduzido, estaria comprometida em seu valor, participa da mesma lógica observada por Freud, na qual aqueles que dela compartilham “parecem prontos a aceitar uma renúncia permanente, porque o que era precioso revelou não ser duradouro”<sup>3</sup>.

Na impossibilidade de gozar de um objeto de forma duradoura e absoluta, renuncia-se à satisfação possível e isso produz gozo, um gozo que só pode ser experimentado na dimensão da perda. Esse gozo com a renúncia que se baseia na desvalorização do que é transitório e, conseqüentemente, na recusa do gozo que pode ser

---

<sup>3</sup> FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade, p. 347.

obtido do tempo presente, é exatamente o que caracteriza o discurso do inconsciente, já que, nesse discurso, como especifica Miller<sup>4</sup>, o sujeito se satisfaz com um gozo, à condição de privar-se dele.

É possível entrever, portanto, as dificuldades que se colocam para um analista que compartilhe de tal concepção, uma vez que, ao sustentar uma posição como essa, ele se torna um aliado do discurso do inconsciente. A prática da sessão Standard, ao desconsiderar a manobra do tempo como função do analista, conduz, assim como o discurso do inconsciente, ao desperdício.

Ao introduzir, no percurso da análise, o objeto *a* como resultado da operação de compressão do tempo da sessão, Lacan vai nos ensinar que não só é preciso deter esse desperdício, como também que o manejo do tempo é correlativo a um saber fazer com esse objeto. É nesse sentido que o princípio de redução do tempo da sessão é coerente com a instalação do discurso analítico, na medida em que, através do discurso analítico, o objeto *a* poderá advir não mais como perda de gozo, mas como causa do desejo. Trata-se da transformação do gozo que, ao ser retomado “na escala invertida da Lei do desejo”<sup>5</sup>, faz da sessão analítica a via pela qual a perda do objeto pode vir a se inscrever como um saber, criando um valor ali onde antes só havia perda. Desta forma, o discurso analítico faz intervir o “tempo de saber”<sup>6</sup>, aquele que se realiza no momento em que uma significação nova é produzida.

Não se trata, entretanto, de um tempo puramente epistêmico, pois como demonstra Lacan no Seminário *Mais, ainda*<sup>7</sup>, o saber assim realizado pressupõe o gozo. Primeiro porque, para ter esse saber, é preciso empenhar a própria pele e, depois, porque seu valor não é um valor de troca, mas um valor de uso. Isso quer dizer que é um saber cujo

---

<sup>4</sup> Cf. MILLER, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial, 1991, p. 5-62.

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 841. Ver, também, intervenção de Pierre-Gilles Guéguen no Curso de Jacques-Alain Miller intitulado *Les us du laps*, aula nº 13, em 02/03/2000.

<sup>6</sup> Cf. MILLER, Jacques-Alain. *Les us du laps* (1999-2000), Seminário inédito.

<sup>7</sup> Cf. LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.130-131, 2º edição.

valor está voltado para o gozo que se pode obter dele. O que aí se inscreve comporta, tanto no que concerne ao gozo, como ao saber, um tempo finito que conduz a experiência analítica à sua conclusão e ainda um tempo que se projeta para o infinito, uma vez que o saber em causa inclui um gozo que se realiza no exercício mesmo de sua aquisição e, por isso, é preciso que esse saber seja retomado pelo analista a cada vez, a cada sessão, a cada análise que ele conduz.

Esse saber a partir do qual o analista se faz inaugura um tempo mais de escansão do que de duração e que toma corpo apenas por ser o rastro de um nada, conferindo, assim, à transitoriedade da vida, como bem observou Freud, o valor que resulta de um saber alegre.